BIBLIOTECA. A "ALMA" DA ESCOLA

por

Olga Pombo

> "Nós somos todos constituídos de bocados, de extractos de História, de literatura, de direito internacional. (...) E se vos perguntarem o que fazemos, podeis responder: 'Nós recordamo-nos'"
>
> Ray Bradbury

§ 1. Escola e Museu

Enquanto espaço delimitado no interior da cidade, território determinado por uma fronteira física mais ou menos indelével - porta, gradeamento, muro - pela sua temporalidade própria (o ritmo intercalar das suas "aulas" e "intervalos", dos seus tempos livres e das suas "férias"), a escola está necessariamente retirada do mundo. Ela tem uma *forma própria* de *ser* e de *estar* e isso passa pela existência de uma *película*, simultaneamente de refúgio, protecção e recolhimento face ao mundo. Como diria Hannah Arendt[1], a escola é a antecâmara do mundo, lugar no qual, em grande medida, a criança faz a sua transição da casa familiar para o mundo.

Mas, se a diferenciação institucional da escola passa, entre outras coisas, pela sua delimitação territorial face ao mundo, por outro lado *o destino da escola é o mundo*. Nela se aprende a *olhar* o mundo, a *conhecer* as suas leis, regras e mecanismos. Nela

---

[1]Referimo-nos a um belo texto de 1957 intitulado "A crise na educação" (in Olga Pombo (org.), Quatro textos excêntricos, Lisboa: Relógio d' Água, 2000, pp. 21-53), no qual Hannah Arendt (1906-1975) define a escola como a "instituição que se interpõe entre o domínio privado do lar e o mundo de forma a tornar possível a transição da família para o mundo" (Arendt, op. cit., in Pombo (org.), 2000: 42).

primordialmente se ensinam as representações, imagens, teorias que os homens foram produzindo sobre o mundo. Em limite, ela não tem outra vocação que não seja *visar* o mundo de que se retira.

Ora, face à inexorável abertura cognitiva da escola ao mundo e na impossibilidade de transportar o mundo para o seu interior, toda a escola procura conter, dentro das suas paredes, uma recriação exemplificativa do mundo. Lugar por excelência da circulação da palavra, do desenho das letras, da aprendizagem da escrita, da iniciação à prática da leitura, a escola tem necessidade da ilustração imagética, seja ela metafórica (e portanto interna aos mecanismos da linguagem que assim se torna ex-plicativa[2]), seja ela exemplificativa (laboratório escolar), seja objectual, fundada na apresentação ostensiva de objectos-tipo reunidos nesse microcosmos ordenado pela vontade didáctica de *mostrar* que é o museu[3]. Note-se porém que, em todos os casos, o que é oferecido ao aluno é o contacto directo (material, físico, manipulatório), não com as *coisas* na sua mundaneidade, mas sim com as suas *representações e exemplos*: os mapas, as cartas, as ilustrações, os modelos, as amostras geológicas, os espécimes biológicos, as maquetas, as reproduções mais ou menos estilizadas que povoam as paredes das salas de aula de todas as escolas, numa palavra, aquilo que se deixa designar pelo nome de "material didáctico". Digamos que a escola, cuja vocação essencial é "dar a ver", desde a sua origem se socorre das virtudes didácticas da imagem, da sua capacidade para "fazer ver".

Em termos históricos, assim foi de facto. Disso são exemplo paradigmático, tanto o Liceu de Aristóteles e Teofrasto, cuja orientação para a *polimathia* e a *enkuklia paideia* determinava a exigência de uma exaustiva classificação das coisas naturais[4],

---

[2]Como procurámos mostrar em "A Matemática e o trabalho de 'dar a ver'", in PROFMAT/92, Actas do Encontro Nacional de Professores de Matemática de 1992, Viseu: APF, 1994, pp. 35-39), ensinar é ex-plicar, des-dobrar perante o aluno um discurso demonstrativo (que mostra, que torna presente), que se oferece como encadeamento de razões legitimamente fundadas, discurso ex-plicativo, que ex-pôe e se ex-pôe, que torna notável, que põe em signo, que dá a ver pela palavra, isto é, que ensina, en-si(g)na.

[3]Neste sentido amplo de museu, enquanto lugar determinado pela vontade didáctica de "ostensivamente dar a ver o mundo", também o laboratório escolar aí poderia ser incluído. Sobre a história dos laboratórios escolares em França no século XVIII, das colecções de instrumentos aos gabinetes de física experimental, de Química e de Historia natural, gabinetes em que se realiza a parte mais significativa da transmissão do conhecimento científico e da preparação dos novos cientistas (Lavoisier, por exemplo, frequentou os cursos do gabinete de Química de Guillaume-François Rouelle), veja-se Taton, R., Histoire Génerale des Sciences, 4 vols. Paris: Presses Universitaires de France, 1966, pp. 617-712.

[4]Numa obra clássica sobre o Liceu de Aristóteles, seu carácter institucional, organização, funcionamento, transformações e desaparecimento, Aristotle's School. A Study of a Greek Educational Institution, Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, 1972, John Patrick estuda com detalhe a clivagem entre a orientação dialéctica da Academia de Platão e a orientação mais instrutiva e empírica que Aristóteles imprimiu à sua escola e que o seu sucessor, Teofrasto, reforçou. Uma tal orientação traduziu-se no esforço desenvolvido por ambos no sentido de dotar o Liceu de elementos informativos empíricos, tais como colecções de livros,

como o Museu de Alexandria, com as suas colecções de plantas e animais, os seus jardins botânicos, as suas colecções zoológicos, as suas instalações de observação (astronómica, anatómica), que a dinastia dos Lágides quis pôr ao serviço daqueles que se proponham dedicar as suas vidas ao ensino e à investigação inspirada pelas Musas.

A posterior história do museu é disso prova. Reunidos por particulares, os museus foram de facto tendencialmente construídos no âmbito da escola, como dispositivos paralelos, pensados em função da sua capacidade de conservação, transmissão e invenção do saber. É o caso do "Mussaeum Kircehrianum" fundado por Athanasius Kircher (1638-1725) no colégio Jesuíta de Roma e que incluía, para além de colecções de seres naturais, esqueletos animais e humanos, fosseis, instrumentos astronómicos, numismática e medalhística, instrumentos hidráulicos, animais embalsamados, jóias, vestuário, materiais étnicos trazidos pelos jesuítas da Ásia e da América Latina; da famosa colecção de espécies botânicas e animais reunida por Aldrovandi (1522-1607), na Universidade de Bolonha onde era professor de História Natural; do Museum museorum de Michael Bernard Valentini (1657-1720), professor de medicina experimental em Giessen; da colecção de Antonio Vallisnieri (1660-1730), naturalista de renome e professor na universidade de Pádua que visa, explicitamente, instruir os jovens na história natural, contribuir para o combate à credulidade e à ignorância[5]; dos inúmeros museus setecentistas onde, em paralelo com os "Liceus" e "Ateneus", se ministram cursos públicos que se transformam em verdadeiros fenómenos de moda[6]; dos grandes museus dos séculos XIX e XX, museus gigantescos como o *British Museum*, em que se pode observar de perto o baixo relevo do frontão do Partenon ou o esqueleto de um dinossauro, museus interactivos como o "Palais de la Découverte"[7]; museus da contemporaneidade como a "Cité des Sciences et de l'Industrie" de Paris, melhor dizendo, centros que organizam grandes exposições em que são *dados a ver* os

amostras zoológicas, botânicas e minerais, cartas, diagramas, pinturas e todo o tipo de informações recolhidas junto de pescadores, políticos, marinheiros, etc.

[5]Sobre a colecção de Vallisnieri, dotada pelo seu filho em 1733 à universidade de Pádua, e a sua vocação didáctica, veja-se Pomian, K. , Collectionneurs, amateurs et curieux, Paris, Venise: XVI-XVII siècle, Paris: Gallimard, 1987, pp. 123-125 e 297.

[6]Apenas um exemplo recolhido na obra de Taton a que já acima fizermos referência: o "Musée de Monsieur" fundado em 1781 por Pilar de Rozier, mais tarde, transformado no "Lycée de Monsieur", no qual se davam cursos de física, frequentados por centenas de interessados (cf. Taton, op.cit., p. 634). Também Pomian sublinha a proximidade entre o museu e a escola mostrando de que modo, nos séculos XVI, XVII e XVIII, muitos museus se constituem em estabelecimentos de ensino, nomeadamente em universidades, quer por iniciativa dos seus professores, quer por oferta ou por legado em testamento de particulares (cf. Pomian, op.cit., pp. 297-300).

[7]Fundado por Jean Perrin em 1937, o "Palais de la Découverte" constituiu de facto a primeira grande experiência de um museu interactivo. Na época da pedagogia activa, o museu deixa de ser um lugar onde se vê para passar a ser um lugar onde se pode observar, tocar, manipular, experimentar (sobre o Palais de la Découverte, cf. D. Raichvarg e J. Jacques, Savants et Ignorants. Une Histoire de la Vulgarization des Sciences, Paris: Seuil, 1982, pp. 202-204).

instrumentos e produtos da tecno-ciência mais recente[8]. Enfim, é esse ainda o caso, quer dos pequenos museus das nossas escolas, tantas vezes reduzidos a uma vitrina com algumas amostras de minérios, fosseis e pequenos animais embalsamados[9], quer da Internet, imenso museu virtual hoje tendencialmente disponível através de um pequeno click no rato do computador de qualquer escola de província.

2. Escola e Biblioteca

Tal como o museu, também a biblioteca - etimologicamente, a caixa, o cofre, o depósito, o lugar de conservação (Θηχη) dos livros (βιβλιον) - acompanha desde sempre os destinos da escola.

De novo se impõe a referência à figura soberana de Aristóteles, inventor ele também do espaço intelectual novo da biblioteca porque imediatamente consciente da sua importância e íntima ligação com a escola. Como escreve Patrick, "Aristóteles foi o primeiro a fazer uma colecção sistemática e útil de livros para a sua escola. Nenhuma outra biblioteca escolar é mencionada em relação com qualquer prévia instituição escolar, nem sequer a Academia[10].

Relação esta da biblioteca e da escola que encontra a sua expressão simbólica numa das primeiras grandes bibliotecas da nossa civilização - a *Biblioteca de Alexandria.* Perpetuando o sonho conquistador e ecuménico de Alexandre, aí se materializa, pela primeira vez, o sonho de uma *biblioteca universal*. Aí se reúnem todos os livros que a dinastia dos Lágides comprou, pediu, anexou, mandou copiar, acumulou, os que mandou procurar, requisitar, confiscar em todos os barcos que aportavam ao majestoso porto de Alexandria.

Paradigma imaginário e referência maior da própria ideia de biblioteca, o carácter mítico da biblioteca de Alexandria é reforçado pelo colapso da sua

---

[8]Paulo Caro A Roda das ciências. Do cientista à sociedade, os itinerários do conhecimento, trad. port. de Armando Pereira da Silva, Lisboa: Instituto Piaget, 1995, analisa de forma sugestiva a natureza espectacular deste tipo de museus e as suas funções junto da opinião pública. Fundamentalmente, eles visariam, não já "mostrar" ou "ensinar" mas "convencer" da grandiosidade e utilidade da ciência e da indústria contemporâneas (cf. op.cit., pp. 41-42). Veja-se tb. o capítulo "A ciência em exposição" de Raichvarg e Jacques (op.cit., 205-214).

[9]Caberia aqui fazer uma breve referência à utilização educativa do museu como meio informal de instrução e ensino. Limitar-nos-emos porém a remeter para três estudos recentes de investigadores portugueses: Chagas (op.cit. de 1995) e Lima de Faria, M., "Museus: Educação ou Divertimento?", Revista Crítica de Ciências Sociais, 43, 1995, pp. 171-195. Para uma apresentação dos objectivos pedagógicos do "Museu Nacional de História Natural" que funciona como estabelecimento anexo à Faculdade de Ciências de Lisboa, cf. Galopim de Carvalho, "Os museus e o ensino das ciências", Revista de Educação, III, 1, 1993, pp. 61-66.

[10] Patrick, op.cit., 97.

destruição, acontecimento de incalculáveis consequências culturais e expressão da fatalidade limite a que está votada a própria biblioteca enquanto instituição simbólica da memória, esforço de preservação que visa, justamente, impedir o esquecimento. É de tal modo grande o fascínio da antiga Biblioteca de Alexandria - lugar ímpar em que se jogou o futuro da civilização ocidental - que, hoje, 2300 anos depois, acaba de ser construída uma nova Biblioteca em Alexandria. O seu *renascimento*, que fica a dever-se à inciativa do governo egípcio em colaboração com a UNESCO e no qual está envolvido a comunidade internacional, é um gesto simbólico que visa retomar o projecto universalista da antiga biblioteca.

A relação entre a biblioteca e a escola é de facto uma relação privilegiada. Relação que, mais uma vez, a "História da Escola" e a "História da Biblioteca" depois de Aristóteles e de Alexandria mais não fazem que confirmar. De facto, como não reconhecer nas grandes bibliotecas imperiais de Roma o seu paralelismo com o processo contemporâneo de instituição do primeiro grande programa público de escolaridade? E, que dizer das bibliotecas medievais, cristãs e islâmicas, senão que é nelas que, em paralelo com a sobrevivência da cultura clássica, precariamente se faz a conservação da própria ideia de escola? Como não referir que é nos *scriptoria* monásticos e nas bibliotecas benedictinas que vão ser recolhidos, copiados, traduzidos, adornados, transformados em relíquia, é certo, mas também dados a ler, a estudar, a comentar, os pergaminhos, os códices, os textos que sobreviveram ao colapso da antiguidade clássica; que é justamente em torno dessas bibliotecas que a organização de uma nova cultura escolar vai ser possível? Como não recordar que a emergência da universidade no século XII é acompanhada pelo desenvolvimento das bibliotecas universitárias[11]; que a biblioteca acompanha de perto o crescimento e as vicissitudes da história das universidades, nomeadamente, constituindo-se à sua margem no Renascimento[12] e na Idade Moderna[13], quando a emergência da ciência

---

[11]A biblioteca da Sorbonne contava com 1017 volumes em 1290. Aquando de um inventário redigido em 1338, só a *libraria parva* da Sorbonne (parte da biblioteca onde se guardavam os livros repetidos, que podiam ser por isso emprestados, e os de menor utilização) conta com 1090 volumes. É a partir das bibliotecas universitárias que se generaliza a prática de, como forma de evitar o roubo dos livros pelos estudantes e facilitar a sua *communem sociorum utilitatem*, se prenderem os livros com cadeias às mesas da biblioteca. Cf. Nebbiai-Dalla Guarda, D., "Classifications et classements", in A. Vernet, Histoire des Bibliothèques Francaises. Les Bibliothèques médiévales. Du VI siècle à 1530, Paris: Promodis, 1989,., p. 378 e segs.)

[12]As Bibliotecas do Renascimento são na sua maioria fundadas por iniciativa de príncipes, condottieri, papas e reis. É o caso, em Itália, da Biblioteca Laurenciana de San Marco, fundada em Florença por Cosimo de Médices em 1444 e continuada mais tarde pelo filho e pelo neto, Lourenço o Magnífico, ou da Biblioteca do Vaticano, instituída pelo Papa Nicolau V em bula pontifícia de 1475. Em França, Francisco I, reunindo diversas bibliotecas dos seus antepassados, dá os primeiros passos para a constituição de uma biblioteca nacional, nomeadamente pela criação, em 1537, da obrigatoriedade do depósito legal. Para maiores desenvolvimentos sobre as bibliotecas do renascimento, cf. A. Masson e D. Pallier, Les Bibliothèques, Paris: Presses Universitaires de France, 1986, p. 20 e segs.

moderna se faz fora da universidade; que, da mesma maneira, o regresso da ciência à universidade no século XIX será acompanhado pelo desenvolvimento das grandes bibliotecas universitárias[14].

Como ignorar que, no século XVIII, mercê da política iluminista que vê a escola e biblioteca como dispositivos de libertação e emancipação do homem, se assiste, em paralelo, a importantes esforços de alfabetização e escolarização generalizada das populações e ao aumento considerável do número de bibliotecas públicas; que as novas autoridades saídas da revolução francesa tendem de tal modo a identificar a biblioteca pública e a instrução pública e a aproximar a figura do bibliotecário da do professor que, por isso mesmo, determinam que as bibliotecas divulguem junto do público os seus tesouros e se encarreguem de abrir *cursos públicos*[15]; que no século XIX, quando se dá a constituição de majestosas bibliotecas de estado[16], surge a prática da "leitura pública", realizada por funcionários pagos pelo estado - "os leitores do povo" - que têm por função ler em voz alta com o objectivo político e filantrópico de *instruir* as classes populares?[17] E, como não reconhecer que, no século XX, mais do que nunca a escola está na dependência da biblioteca, horizonte unificador da multiplicidade dos saberes virtuais para que apontam - *abrem* - os conteúdos cognitivos nela ministrados? E referimo-nos quer à modesta bilbioteca escolar, quer de novo à Internet, biblioteca tendencialmente universal que se perfila como limite da totalidade dos saberes transmitidos pela escola.

---

[13]Também no século XVII, os principais promotores de bibliotecas são, não o poder real, não a Igreja, não a Universidade mas mecenas particulares. É o caso da *Bodleiana* fundada em Oxford em 1602 por Thomas Bodley, da *Ambrosiana* em Milão fundada por Federico Borromini e da *Mazarina* em Paris, fundada em 1647 pelo Cardeal Mazarin (cf. Masson e Pallier, op. cit., pp. 23-25).

[14]O modelo serão então as bibliotecas universitárias alemãs, fundamentalmente, Halle, Gotingen e Berlim, episódio glorioso da história das universidades em cuja fundação participaram, para lá de Humboldt, nomes como os de Schelling, Fichte, Hegel e Schleiermacher. É assim que, por exemplo, em França, é oficialmente enviada à Alemanha uma delegação dirigida por Jules Chantepie com o objectivo de estudar as bibliotecas universitárias e, de regresso, organizar as bibliotecas universitárias francêsas (cf. Beaulieux, C., "Les Bibliothèques d' Étude en France", in A. de Monzie e L. Febvre (edrs.), Encyclopédie Francaise, vol. XVIII, 4-8, Paris: Société de Gestion de l'Encyclopédie Francaise, 1939, p. 5).

[15] Por exemplo, como refere S. Balayé, "Un quadrilatère nommé Richelieu", Autrement, 121 (1991), p. 91, uma lei de 30 de Março de 1795 cria a "Escola de Línguas Orientais" na Biblioteca Nacional de França.

[16]Em Inglaterra, é constituída a grande biblioteca do British Museum a partir de 1823. É aí que, pela primeira vez, se estabelecerá a diferença entre o armazém dos livros e a sala de leitura mandada executar por Antonio Panizzi entre 1854 e 1857. Em França, a Bibliothèque National, herdeira da biblioteca de Colbert e transferida em 1734 para um edifício próprio em Paris, inaugurará a grande sala de leitura em 1868. Nos EUA, a Library of Congress, fundada em 1810 a partir da biblioteca pessoal de Thomas Jefferson, e destinada de início a ser a biblioteca do parlamento, converteu-se posteriormente na Biblioteca Nacional dos EUA e sede do centro internacional de Copyright. Contava em 1959 com 12 milhões de volumes (livros e folhetos) e 38 milhões de documentos (cf. Millares Carlo, Introducción a la Historia del Libro y de las Bibliotecas, México: Fondo de Cultura Economica, 1971, pp. 280-286).

[17]O cargo de "leitores do povo" foi instituído em França por decreto de 4 de Maio de 1848. (cf. Masson e Pallier, op. cit., p. 52). A título de exemplo da proximidade então estabelecida entre escola e biblioteca, refira-se ainda a obra de Henri Philippe de Limiers (?- 1725), Idée Générale des Études (1713), obra que, simultaneamente, constitui guia de leitura para jovens nobres e fornece listas de livros que uma biblioteca devia possuir.

Mas, não é só em termos históricos que a biblioteca cruza o seu destino com o da escola. Também em termos conceptuais e sistemáticos essa relação se deixa ver naquilo que tem de necessário.

Por um lado, *a escola é condição da biblioteca*. Como seria possível a biblioteca sem que a escola tivesse preparado o terreno para a escrita, para a leitura, para a produção da obra que na biblioteca se reúne e conserva? Por outra lado, também *a biblioteca é condição da escola*. Que se estudaria na escola senão a biblioteca? Estudar o Mundo, como mostrou Galileu, não é reconhecê-lo como "Livro", decifrar no "Grande Livro" em que o Mundo é pensado, os caracteres em que está escrito?[18] Não será por isso uma injustiça - e sinal de incompreensão gravosa da natureza do ensino - acusar a escola de ensinar um saber "livresco"? Como se o saber que a escola tem por missão ajudar a construir não tivesse justamente no livro, e nele apenas, o seu lugar de permanência e estabilidade. Como se o *processo* de ensino - e a *oralidade* que constitui a sua essência enquanto *acto, acontecimento* - não tivesse necessariamente no livro, e no saber que nele e só nele toma corpo, a sua fonte, a sua matéria, a sua condição.

Mas, se toda a biblioteca tende a ser uma escola, não será legítimo, em sentido inverso, perguntar *que sentido faria uma escola sem biblioteca?* Não será necessário reconhecer que não é certamente por acaso que todas as escolas têm uma biblioteca? Que, ainda quando a não têm, para ela necessariamente remetem? Que, mesmo quando a biblioteca da escola não é senão um modesto armário, uma sala um pouco maior do que as outras onde se conservam apenas algumas centenas de livros, ela cumpre uma decisiva função educativa? Lugar de estudo livre e silencioso, sala com um diferente regime de permanência e utilização, lugar único onde se guarda um insuspeitado silêncio, onde se fala a meia voz, ela veícula - enquanto "templo" do saber, por mais modesto que seja - o respeito pelo livro enquanto "obra", enquanto manifestação de uma vontade singular de participação na construção cultural. O aluno olha furtivamente para as estantes, apercebe-se da magnitude do saber, dos múltiplos esforços ao longo dos séculos feitos pela humanidade, da variedade dos pontos de vista, da proliferação das áreas de estudo, da fragmentação e contiguidade fundamental das disciplinas do saber. A biblioteca dá-lhe a

[18] Já na Idade Média a Natureza era um "Livro". Se os Evangelhos eram o "Livro da Revelação", a Natureza era o "Livro da Criação". Foi esse "Livro" que Galileu descobriu estar escrito em linguagem matemática, que os experimentalistas renascentistas tiveram a coragem de querer ler directamente, pelo exercício conjugado da sua razão e dos seus sentidos. O que é novo é que, ao contrário da Idade Média que vê o "Livro da Natureza" sobretudo como objecto de "contemplação", agora, a ciência moderna vai olhar para ele como objecto de investigação. Palavra esta - "investigação" - que, afinal, continua a transportar consigo a marca daquilo mesmo que a Idade Média nele procurava encontrar: "vestígios" do criador.

possibilidade de uma experiência sublime: a de se reconhecer como "anão" face aos "gigantes" que o olham, a ele, das prateleiras em que se reúnem as suas obras.

Daí que, por mais modesta que seja, toda a escola tem a sua biblioteca - biblioteca central da escola, biblioteca da classe, edifício mais ou menos monumental, mais ou menos irradiante no centro do *campus* universitário, mediateca a partir dos anos setenta - toda a escola procura favorecer a presença dos alunos na biblioteca, orientar o aluno na biblioteca, incentivar a leitura, organizar actividades de pesquisa. Como diz U. Eco, a escola devia *ensinar para a biblioteca*: "Usar a biblioteca é uma arte subtil. Não basta o professor dizer na escola: "como estão a fazer este trabalho de investigação, vão à biblioteca buscar o livro". É preciso ensinar os jovens como se usa a biblioteca, como se usa um visor para microfichas, como se usa um catálogo, como se discute com os responsáveis pela biblioteca se não cumprem o seu dever, como se colabora com os responsáveis da biblioteca"[19] .

A relação entre a escola e a biblioteca tem sido efectivamente reconhecida como factor capaz de permitir o *rejuvenescimento* e mesmo a *subversão* da ordem escolar. Espera-se que a biblioteca escolar seja, não apenas uma grande máquina dos *tempos livres*, a sede de um *clube de leitura* ou o *complemento* da sala de aula[20], mas um "motor" da transformação escolar, o "cavalo de Tróia" que possa permitir vencer velhos hábitos e rígidas constrições da instituição escolar[21].

E, na verdade, a *presença da biblioteca na escola*, ou mesmo na sala de aula, transforma as relações entre professores e alunos, altera as relações de ambos ao saber. O *professor* perde o estatuto (e o poder correspondente) de fonte única do saber, tem que aceitar o desafio, tem que perceber que, na biblioteca, também ele é um anão, tem que ensinar sem impôr, orientar sem obrigar. Por seu lado, o *aluno* conquista maior autonomia e liberdade, descobre que pode escolher o seu próprio percurso, que pode seguir por si próprio os corredores e as estantes, cruzar o olhar, *navegar* por entre a sensualidade dos volumes, atravessar corredores que porventura

---

[19]U. Eco, A Biblioteca, trad. port. de Maria Luísa Rodrigues de Freitas, Lisboa, Difel, 1983, p. 40.

[20]Sobre esta perspectiva da biblioteca escolar, cf. F. M. S. Matos e M. R. Correia, "A Biblioteca escolar e a sensibilização e complementação das aulas de leitura", Ler Educação, Revista da escola Superior de Educação de Beja, 6, (1991), pp. 69-74.

[21]A expressão é de A-M. Chartier, "L'Armoire de fer et le coussin", Autrement, 121 (1991), p. 132, "que a biblioteca seja o cavalo de Tróia que, sob uma aparência inocente, instale no coração da fortaleza escolar, a subversão dos seus usos e costumes (...) conta-se com ela para por em causa a sacrossanta regra escolar das três unidades (um professor, um grupo de alunos, uma classe). Sobre o tema da biblioteca escolar, seu significado e exigências da sua instalação, vejam-se ainda, C. F. Laverne e P. F. Beilke, Guidelines for planning and organization of school library medias, Paris: Unesco, 1979, J. P. Delannoy, Guia para a transformação de bibliotecas escolares, Lisboa: Livros Horizonte, 1983, e M. Baró e T. Maná, Formar-se per informar-se: propostes per la integracion de la biblioteca a l'escola, Barcelona, Rosa Sensat, 1994.

não percorrerá detalhadamente mas de cuja existência nem sequer suspeitava, que pode mesmo desafiar a autoridade do professor. Os dois, *professor e aluno* ganham uma insuspeitada oportunidade de aproximação pela sua comum apetência na exploração dos segredos da Biblioteca, na construção de relações de companheirismo na busca do saber. Experiências levadas a cabo em diversos países desde a década de sessenta[22], apontam no sentido de o *bibliotecário da escola* dever ser um *professor*, elemento de uma equipe de ensino, que trabalha directamente com grupos de alunos, que estabelece programas e desenvolve actividades capazes de ter um papel equivalente e paralelo ao do ensino oral tradicional[23]. A ideia é a de que a biblioteca se constitua como "laboratório" como diz Cacheux (op.cit., 213), que possa ser utilizada como lugar de contacto directo e livre do aluno com o saber materializado no livro, no vídeo, na cassete, no disco, no filme, isto é, como lugar de trabalho independente do aluno.

3. A "alma" da Escola

Biblioteca e Museu são assim duas instituições orientadas por um mesmo desejo: não apenas *reunir* e *coleccionar - conservar* toda a memória do mundo - mas *organizar*, *tornar disponíveis*, "dar a ver" todos os registos da actividade humana escrita, todos os episódios da nossa curiosidade, todas as marcas da lenta construção dos conhecimentos, todos os sinais da nossa sobre humana vontade de saber. É por isso que a biblioteca e o museu não são o *depósito* de um *saber morto*. Os livros que habitam as bibliotecas, os animais embalsamados, os exemplares botânicos, as amostras minerais, os restos e produtos culturais que se conservam nos museus, não

---

[22]Refiram-se, por exemplo, em França, o programa "La Joie par les livres" levado a cabo em Clamar a partir de 1965 e as actividades da "Association pour le Développement des activités culturelles dans les établissements scolaires" desenvolvidas a partir de 1976; nos EUA, refiram-se o "Knapp school libraries project", desenvolvido de 1963 a 1968 e o "Library manpower project", entre 1968 e 1974 (cf. Chartier op.cit., p. 130) e G. Cacheux, "Les Bibliothèques", in G. Mialaret e J. Vial (orgs.), Histoire Mondial de l' éducation, IV, Paris: Presses Universitaires de France, 1981, pp. 209-216.

[23]Entre nós, refira-se o recente lançamento pelos ministérios da Educação e da Cultura do programa "Rede de Bibliotecas Escolares" mediante o qual se pretende criar bibliotecas actualizadas em todas as escolas portuguesas. Essas bibliotecas são concebidas como "centros de recursos multimédia de livre acesso, que englobem um conjunto significativo de livros, programas informáticos, periódicos, registos vídeo e audio, diapositivos, CD-Rom, etc, dispondo de espaços e equipamentos onde são recolhidos e disponibilizados todos os tipos de documentos" (I. Alçada, "As novas Bibliotecas escolares", Noesis, (1996), 38: 18). Este projecto prevê que as bibliotecas escolares se constituam como núcleos de organização pedagógica capazes de articular a sua acção com o projecto educativo de cada escola, a constituição de equipas educativas próprias, a colaboração com as Bibliotecas Municipais, nomeadamente, através da dinamização do SABE, "Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares" (cf. ibid).

são *cadáveres*. São *seres adormecidos* que a nossa curiosidade pode surpreender, reintegrar no ciclo da vida.

Infinitamente disponíveis, feitos de todos os caminhos, habitados por todas as musas, a biblioteca e o museu são dispositivos *activos* do processo de construção do conhecimento novo. Eles são a "alma" da Escola, a sua porta aberta sobre o mundo.

Reconhecemos rapidamente de que modo a Internet conglomera esses projectos antiquíssimos que são a biblioteca e o museu. E hoje, quando se espera que, em breve trecho, cada escola disponha de computadores multimédia com acesso à Internet; hoje que a Internet se tende a transformar, numa imensa *biblioteca universal*, tendencialmente capaz de reunir em versão electrónica todos os textos até agora escritos[24], centralizar num metacatálogo "on line" todos os catálogos já informatizados de todas as bibliotecas reais ligadas em rede; que, sem livros e sem leitores, sem sala de leitura[25], sem mecanismos de fotocópia ou de micro reprodução, possa permitir o acesso à distância e à velocidade da luz da vertiginosa quantidade de textos que circulam no espaço virtual de todas as culturas; que possa permitir o acesso à distância e à velocidade da luz da vertiginosa quantidade de textos que circulam no espaço virtual de todas as culturas; hoje, quando se pressente que as suas "páginas", pela inclusão de materiais linguísticos não lineares, pelas figuras, gravuras, desenhos, mapas, cartas, fotografias que as ilustram, podem corresponder às salas e vitrinas de um *museu virtual*, total e universal, onde cada ser natural e cada artefacto pode ser olhado, aberto, mostrado, das profundidades geológicas da terra, à superfície das flores e das suas corolas, do interior das minas, das vísceras, das

---

[24]E, como se sabe, quer "on line", quer em CD-ROM, existem já milhões de páginas disponíveis, tanto de literatura clássica (por exemplo, o Thesaurus Linguae Graecae comporta cerca de 3.000 autores, 8400 obras e 61 milhões de palavras da literatura grega antiga de Homero ao século VII a.c.) como moderna (por exemplo, as obras completas de Shakespeare estão disponíveis em CD-ROM desde 1990). É na constatação da inevitabilidade deste facto que tem origem a tese segundo a qual, uma vez realizada a passagem do texto ao seu suporte electrónico, deixa de ser necessário manter o suporte tradicional do texto em papel. Contrariamente, é porém possível pensar-se que, assim como as bibliotecas de papel substituíram as de pergaminho que, por sua vez, haviam substituído com grandes vantagens as de papiro e de tábuas de argila, a biblioteca continuará a ter como função conservar os textos nas diferentes modalidades dos seus suportes.

[25]Fica por saber quais os efeitos na prática da leitura decorrentes das condições criadas pelas novas tecnologias, nomeadamente na biblioteca eletrónica. Se o livro e a sala de leitura tradicional da biblioteca convidam à leitura vagarosa e reflexiva, leitura essa que, em geral, é mesmo acompanhada da escrita (transcripções, apontamentos, notas, comentários à margem do texto lido), a leitura do texto electrónico no ecrã de um terminal de computador, se por um lado pode parecer condenada, pela própria velocidade do seu processamento, a desencadear uma atitude de leitura mais passiva e contemplativa, por outro lado, na medida em que abre a possibilidade de alteração interactiva do texto, de inscripção no texto de novos enunciados, permite um grau de leitura criativa até aqui insuspeitada. Ler um texto poderá passar a ser sinónimo de transformá-lo, revolvê-lo, deformá-lo, como diz Foucault, Nietzsche, Freud et Marx . Theatrum Philosophicum, trad. port. de Jorge Lima Barreto, Porto: Res, 1975, p. 15.

máquinas, dos relógios, à exterioridade dos corpos, das vestes, dos trabalhos agrícolas, dos utensílios quotidianos; hoje que a adopção da forma multi media lhe permite oferecer, em simultâneo, (hiper)texto, imagens e sons; que pode conter galerias de quadros, filmes, partituras, registos musicais transferidos para suporte electrónico; que, no limite, tende a integrar a cinemateca, a sonoteca, a transformar-se numa gigantesca mediateca ou *infoteca*, hoje - dizíamos - é importante comprender a íntima conexão, histórica e conceptual, entre a escola e a biblioteca. É importante perceber que não é apenas a escola que precisa da Internet para se salvar da profunda crise que a atravessa mas é também a Internet que precisa da sociabilidade e da orientação cartográfica que a escola tem para oferecer. Sem a escola, seríamos "navegadores solitários", não teríamos bússula que nos orientasse no labirinto que é a biblioteca, não teríamos quadros de referência que nos guiassem na selva que é a Internet.

Daí que, entre a euforia, a defesa ingénua, o elogio apressado daqueles que vêm na Internet a solução (milagrosa) para a Escola e para a sua morte anunciada e o pessimismo resistente e reaccionário daqueles que, incapazes de compreender os desafios do presente, querem manter a escola á margem das novidades, importa pensar serenamente a coextensividade entre a Escola (o Museu) e a Biblioteca.

Alexandria é esse momento inaugural, no qual, simbolicamente e para todo o sempre, o destino da Escola se cruza com o da Biblioteca (e o do Museu). De Alexandria à Internet é a própria Escola que se aproxima cada vez mais da sua "alma".

***

Permitam-me que termine resgatando o sugestivo título proposto por José Magalães para a sua comunicação neste colóquio[26]. Gostaria de dizer que estou certa que, em breve, será possível trazer a Biblioteca deAlexandria no bolso. Mas receio que não seja nada proveitoso nem elegante fazê-lo.

[26] A comunicação de José Magalhães propõe como título: "O homem que trazia a Biblioteca de @lexandria no bolso"